



## **A relação entre quadrinhos e jornalismo nas entrevistas desenhadas de Liniers<sup>1</sup>**

Marilia LABES<sup>2</sup>

Gislene SILVA<sup>3</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

### **RESUMO**

Este artigo trata das entrevistas desenhadas do quadrinista portenho Ricardo Siri Liniers. Publicadas pela primeira vez em agosto de 2010 no jornal argentino *La Nación*, elas combinam elementos do jornalismo, como o formato pergunta-resposta, e dos quadrinhos, como as imagens de traço caricatural. Liniers surge sempre como um coelho – seu alter-ego – e a partir dessa inserção desenhada parece conseguir algo raro nas publicações jornalísticas de entrevistas: revelar como a subjetividade do entrevistador atua na construção de uma conversa com os entrevistados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo; jornalismo em quadrinhos; entrevista.

### **Introdução**

*Palestina*, livro-reportagem da década de 90 que narra a experiência de Joe Sacco no final da Primeira Intifada, é um marco do que se entende hoje por jornalismo em quadrinhos. Após o reconhecimento da obra de Sacco entre leitores e críticos, o jornalismo feito com HQ's foi ganhando espaço e segmentações. Em agosto de 2010, o quadrinista argentino Ricardo Siri Liniers deu início à publicação de uma série de entrevistas desenhadas no jornal *La Nación*. Na linha fina da primeira publicação, o periódico anunciava a inauguração de uma nova abordagem jornalística através do olhar do ilustrador. Por meio do formato das histórias em quadrinhos, Liniers retratou momentos em que entrevistou personalidades. O ator Ricardo Darín foi a cobaia do experimento e a ele seguiram-se o músico Andrés Calamaro; o ator Alfredo Casero; o grupo de comédia Les Luthiers; o músico Jorge Drexler; os atores Daniel Hedler e Natalia Oreiro, em conjunto com o diretor Ariel Winograd, e os humoristas Ezequiel Campa e Malena Pichot.

Antes da empreitada das entrevistórias – termo utilizado por Liniers nos títulos das publicações em seu blog – o desenhista já tinha seu espaço no *La Nación*. Apesar de ter cursado publicidade, ele decidiu seguir carreira nos quadrinhos e foi com a ajuda de

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao Intercom Junior – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

<sup>2</sup> Autora do trabalho. Formada em Jornalismo pela UFSC, email: mariliagold@gmail.com

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Jornalismo da UFSC, email: gislenedasilva.ufsc@gmail.com



uma amiga e também cartunista, Maitena, que conseguiu ser apresentado ao jornal. Desde junho de 2002, publica na última página do periódico as tirinhas que saem sob o título de *Macanudo*. Nas tiras sem roteiro fixo, o quadrinista explora diversas personagens para desenhar a sua própria visão de mundo. A menina Enriqueta e o gato Fellini, seu confidente, são quase como Calvin e Haroldo – personagens de Bill Watterson. Martincito é um menino solitário que imagina um amigo, uma criatura azulada que sempre responde a tudo com o balão “OLGA”. Duendes e pinguins têm comportamentos bastante humanos. E ele próprio, Liniers, aparece desenhado como um coelho.

Nas entrevistas desenhadas, Liniers lança mão deste mesmo recurso e também aparece como o coelho já conhecido das tirinhas. O jornalista Augusto Paim escreve sobre as entrevistas do desenhista em um ensaio intitulado *Por um lugar para Liniers na Academia*, publicado em 2011 na revista online *Cadernos de não-ficção*, e as compara a uma pequena carteira com fotos holográficas de mulheres nuas que tinha quando menino. As entrevistas, objetos tridimensionais que unem desenho, narrativa e jornalismo, “têm muito a contribuir para cada campo de estudos, mesmo olhadas de forma parcial. É como a carteirinha da mulher pelada, que fascina pelo todo (sua técnica mágica) e pelo detalhe (cada uma das belezas)” (PAIM, 2011, p. 64). No artigo, Paim também fornece ideias de como seria possível estudá-las. No âmbito do jornalismo, sugere o estudo do gênero entrevista nos quadrinhos; no das letras, o estudo dos processos de narrativização; no da arte, o estudo das cores, técnicas de desenho, tamanho e formato dos quadros, representação de personagens (PAIM, 2011).

Neste artigo, pretende-se observar a relação entre jornalismo e quadrinhos presente nas entrevistas desenhadas de Ricardo Siri Liniers, através de uma análise de cinco destes trabalhos veiculados entre agosto de 2010 e julho de 2011 no jornal *La Nación*. Em ordem de publicação, serão estudadas as entrevistas feitas com Ricardo Darín, Alfredo Casero, Andrés Calamaro, Les Luthiers e Jorge Drexler.

Para compreender como os elementos do jornalismo e dos quadrinhos são combinados no trabalho de Liniers, a análise empírica recai sobre dois eixos principais, que serão elucidados em duas seções deste artigo: as características gerais observadas nas entrevistórias e a maneira como Liniers trabalha sua subjetividade como entrevistador e criador nas publicações. Estes eixos serão detalhados em tópicos levantados a partir do estudo de cada entrevista e pensados a partir da maneira como Dutra (2003) analisou as reportagens em quadrinhos de Joe Sacco em sua dissertação.



Assim como Dutra propôs em seu trabalho, este artigo busca “mostrar a aplicação dos recursos técnico-narrativos do quadrinho como instrumento a serviço do jornalismo” (DUTRA, 2003, p. 15). A intenção é demonstrar como a imbricação do jornalismo com outras formas de expressão – como as histórias em quadrinhos – consegue criar um produto que, apesar de manter suas características comunicacionais (uma entrevista em quadrinhos é simplesmente uma entrevista), apresenta potencialidades que podem ficar veladas nos modelos mais tradicionais de produção jornalística.

Para reconstruir não apenas o momento das entrevistas, mas todo o processo em que transcorreram, Liniers utiliza balões de fala e pensamento, imagens de traço caricatural e metáforas visuais. As conversas são conduzidas no esquema pergunta-resposta e o resultado delas é um perfil humanista dos entrevistados. Ao relacionar elementos do jornalismo e dos quadrinhos, as entrevistórias acabam por compor um processo de hibridização, que pode ser chamado de intergenericidade.

A intergenericidade é um fenômeno linguístico em que um gênero, apesar de manter seu propósito comunicativo, é assimilado pela forma de outro utilizado normalmente em uma diferente situação. Segundo Cavalcante, Nobre e Lima-Neto (2011), esse fenômeno também é denominado intertextualidade intergenérica por Marcuschi – autor que explica que o propósito comunicativo é, nesses casos, sempre o elemento responsável pela definição do gênero. Ou seja, a função sobressai à forma.

É o que as entrevistas em quadrinhos fazem. Mantido com seu propósito, o gênero entrevista é assimilado pela forma de uma história em quadrinhos. Cunha (2012) esclarece como a intergenericidade é possível:

A entrevista, sendo um gênero textual, é histórica e socialmente situada. Por isso, apresenta padrões sociocomunicativos característicos (ex.: composição funcional, objetivo enunciativo e estilo) com formato, oral ou escrito, bastante estável. Na medida em que se transcorrem diferentes períodos históricos e surgem novos contextos sociais, a entrevista pode se imbricar com outro gênero (CUNHA, 2012, p. 98).

Através do desenho, Liniers insere-se nas publicações como o coelho que já aparecia nas tirinhas – espécie de alter-ego do quadrinista – e com isso, demarca a personalidade do entrevistador. Ele adota o comportamento aberto, deixando que as perguntas aconteçam a partir de cada assunto que surge. Assim, traços dos perfis do entrevistado e do entrevistador são sutilmente desenhados.

Os balões de fala e de pensamento reproduzem as conversas e os detalhes do que se passa na cabeça do desenhista enquanto acontecia cada entrevista. Ao utilizar com sagacidade muito texto nos balões, Liniers traz à tona mais do que as informações da entrevista, ele consegue abordar também suas indagações referentes ao ato de entrevistar. Em uma matéria sobre o trabalho do quadrinista, Paim (2011) explica:

Os questionamentos e chistes que Liniers faz, a respeito do ato de transpor a entrevista para o papel, correspondem às angústias sofridas por todo jornalista suficientemente engajado com a arte da entrevista: ‘Afinal, como vou fazer para registrar isto aqui? Estou fazendo da melhor forma possível?’ (PAIM, 2011).

Para detalhar essas particularidades dos quadrinhos de Liniers, as duas seções a seguir analisam as entrevistas desenhadas a partir de suas características gerais e da demarcação da subjetividade do desenhista como entrevistador.

### Características gerais das entrevistórias

Ao observar como Liniers compõe sua série de entrevistas desenhadas, é notável que alguns traços da criação são repetidos em diversos momentos. Provavelmente para desenvolver o trabalho de maneira contínua, o artista lança mão de algumas características que serão exploradas a seguir, como (a) o detalhamento do processo das entrevistas, (b) a recriação de cenas, (c) o comportamento aberto na hora de entrevistar, (d) a empatia durante as conversas, (e) a integração orgânica dos elementos das páginas, (f) a utilização de recordatórios de contextualização e de (g) metáforas visuais e elementos lúdicos.

#### (a) Detalhamento do processo das entrevistas

Por meio do desenho, Liniers consegue descrever com sutileza como se deu cada entrevista.



Figura 1 - Detalhamento do processo da entrevista com Ricardo Darín

Esta é abertura da primeira entrevista desenhada. Aqui, o entrevistador-coelho aparece tocando a campanha de Ricardo Darín. Liniers já começa sua série de entrevistoretas com algo pouco comum nas publicações jornalísticas do gênero: a inserção de pensamentos simples ou banais e de sensações que acontecem com um repórter antes de entrevistar alguém. Também pode ser observada nessa conversa inicial com Darín a maneira como o quadrinista faz uma contextualização, com o seu despojamento natural, do que seriam as *entrevistas dibujadas*.



Figura 2 - Detalhamento do processo da entrevista com Jorge Drexler

Jorge Drexler, que é músico, foi entrevistado enquanto vivia uma experiência como protagonista em um filme de Daniel Burman. Liniers detalha os acontecimentos do dia em que esteve com Drexler com todas as interrupções e em todos os cenários onde estiveram. Nos quadrinhos acima, está registrado até o gravador sendo ligado quando a conversa oficial volta a acontecer.

#### (b) Recriação de cenas

O quadrinista brinca com duas dimensões nos desenhos de suas entrevistas. A real, ao reproduzir como as conversas transcorreram; e a imaginária, ao recriar cenas contadas pelos entrevistados. Liniers faz algo parecido com o que Art Spiegelman instaurou em *Maus – a história de um sobrevivente*. Para contar as experiências de seu pai na Segunda Guerra Mundial, Spiegelman utilizou desenhos de como aconteciam as entrevistas como pontos de partida para materializar as histórias nos quadrinhos.



Figura 3 - Recriação de cenas na entrevista com Les Luthiers (à esquerda)  
Figura 4 - Recriação de cenas na entrevista com Les Luthiers (à direita)

Nesta sequência da conversa com Les Luthiers, Liniers alterna a reconstrução de uma história de apresentação contada pelo grupo humorístico com o diálogo mantido durante a entrevista. Segundo Medina (1986),

o que o repórter não se dá conta é que o artista percebe muito bem a interpenetração de real e imaginário e lida como um bom maestro diante desses dois mundos que convivem na *realidade* do homem. O artista tem a sensibilidade aberta para perceber, se deixar contaminar pela aventura de seu personagem, e constrói ferramentas para transformá-la numa representação simbólica, o texto” (MEDINA, 1986, p. 43, grifo da autora).

Sendo Liniers também artista, ele teria, então, uma qualidade a mais na hora de reproduzir histórias.

### (c) Comportamento aberto

Nas conversas que trava com seus entrevistados, Liniers opta por comportar-se de maneira aberta. Não parece seguir uma pauta pré-montada, com um questionário pronto para ser executado. É perceptível que faz perguntas pensadas com antecedência, porém é também claro que ele sabe escutar e, com isso, deixa a conversa fluir pelos assuntos que surgem das histórias das personagens.

Um entrevistado cujo universo de pensamento, emoções e comportamentos não se submetem à linearidade de um questionário rígido, proposto pelo entrevistador, renderá mais se a conversação for, já no momento de captação, livre, solta. Para representá-la em um texto, sempre haveria a opção de “reordená-la” a fórceps e, muitas vezes, se procede assim. Haverá, no entanto, entrevistas que imploram uma estrutura-mosaico, ao sabor de um diálogo fluente, desarmado, que já aconteceu. O leitor entra na coerência interna do entrevistado, não precisa, neste caso, do *didatismo* escolástico do jornalista (MEDINA, 1986, p. 67, grifo da autora).



Figura 5 - Conversa aberta na entrevista com Ricardo Darín

Aqui, um exemplo da maneira aberta como o artista conduz suas entrevistas. Liniers começa a conversa com Darín explicando que havia visto três filmes dele naquele dia, antes da entrevista. Este comentário inicial funciona como um gatilho para os assuntos que seguem sendo discutidos: os próprios filmes vistos, atores que participaram deles, a relação de Darín com o teatro e com o Oscar de Melhor Filme Estrangeiro que *O segredo dos seus olhos*, filme em que foi protagonista, recebeu em 2010.

#### (d) Empatia

Quesada (1994), quando discute empatia entre entrevistado e entrevistador, cita o exemplo de uma das entrevistas de Eric Frattini publicadas no livro *La Entrevista - el arte y la ciencia*. “Se o leitor fixar sua atenção nas seguintes perguntas (de Frattini a Mandela) se dará conta de que a conversação que ambos mantiveram surgia tão relaxada e fluida que o jornalista sequer necessitou formulá-las utilizando a forma interrogativa” (QUESADA, 1994, p. 290, em tradução livre).

Isso acontece também entre Liniers e seus entrevistados. E quando ambos têm algo em comum, o quadrinista destaca essa empatia traduzida em desenho. Como nos dois exemplos abaixo, que aconteceram nas conversações com Darín e com o músico Andrés Calamaro. Com Darín, a empatia aconteceu devido a um traço psicológico – a bagunça interna. Com Calamaro, por consequência do gosto musical em comum.



Figura 6 - Empatia na entrevista com Ricardo Darín



Figura 7 - Empatia na entrevista com Andrés Calamaro

#### (e) Integração orgânica dos elementos das páginas

Assim como observado por Dutra (2003) nas reportagens de Joe Sacco, nas entrevistórias de Liniers “os diversos quadros, balões e recordatórios de cada página

são planejados de modo a compor um todo orgânico e integrado. [...] Frequentemente os quadros se sobrepõem uns aos outros ou formam encaixes irregulares e assimétricos” (DUTRA, 2003, p. 22). Essa ideia pode ser complementada por Medina, ao explicar que “numa narrativa indireta, há recursos gráficos, visuais, que estruturam a desestruturação. A matéria-mosaico pode ser montada, na página, através de blocos, massas de texto, fotos, ilustração, que ‘costuram’ o todo” (MEDINA, 1986, p. 67).

A composição irregular dos quadros também tem a ver com o estilo de traço mais apressado visto nas entrevistórias de Liniers, o que dá ao conjunto um ar de personalidade. Esta questão será explorada adiante, na análise da subjetividade nas entrevistas desenhadas.

#### (f) Recordatórios de contextualização objetiva

Liniers utiliza os recordatórios – caixas de texto que acompanham os quadrinhos e podem servir para dar voz a um narrador – tanto para expressar subjetividade quanto para funções mais objetivas, como contextualizar o que está acontecendo naquele momento da entrevista ou explicar algo sobre o assunto discutido no quadrinho. Como nos quadrinhos abaixo, em que começa a entrevistar o ator Alfredo Casero:



Figura 8 - Recordatório de contextualização na entrevista com Alfredo Casero

#### (g) Metáforas visuais e elementos lúdicos

Presentes em toda sua obra, principalmente *Macanudo*, as metáforas visuais e os elementos lúdicos compõem uma característica fundamental do trabalho de Liniers. Na entrevista feita com Calamaro, quando Pablo Picasso é citado, o quadrinho fica com seu estilo alterado para a forma como o pintor fazia suas obras:



Figura 9 - Metáfora visual na entrevista com Andrés Calamaro

Quando conversa com Drexler, Liniers afirma que existem poucos artistas que vêm do campo da ciência e pergunta se o cantor sente que foi influenciado por ter passado pela medicina. Na resposta, Drexler diz que adquiriu uma maneira de perceber a realidade que é qualquer coisa menos neutra e então explica como pensa no som chegando a um ouvido. Para representar isso, o quadrinista optou por uma metáfora:



Figura 10 - Metáfora visual na entrevista com Jorge Drexler

Com Ricardo Darín, Liniers escolheu a metáfora para ilustrar algumas falas do ator. Como quando ele fala sobre o significado do teatro:



Figura 11 - Metáforas visuais na entrevista com Ricardo Darín

### A demarcação da subjetividade de Liniers como entrevistador

Aqui, serão exploradas características com as quais Liniers demonstra sua subjetividade como entrevistador e como criador de cada entrevista que desenhou. Nos quadrinhos, pode-se observar (a) a autoconsciência e (b) a autoanálise do entrevistador, (c) a metalinguagem sobre o fazer jornalístico, (d) o traço apressado que dá o tom de escrita íntima, (e) a autorrepresentação caricatural e (f) o posicionamento de opiniões.

#### (a) Autoconsciência

“Minhas posições racionalizadas, verbalizadas, meus rubores e tremores, piscada de olhos, mãos inquietas serão captados pelo interlocutor, darão força, confiança à própria abertura, mergulhamos ambos em um abismo imprevisível” (MEDINA, 1986, p. 45). Ao tomar consciência de seu comportamento e de suas reações diante dos entrevistados, Liniers consegue – através de seu alter-ego – retratar essas nuances mencionadas por Medina, mostrando-se para os leitores tanto quanto mostra seus entrevistados.



Figura 12 - Autoconsciência do narrador na entrevista com Andrés Calamaro



Figura 13 - Autoconsciência do narrador na entrevista com Alfredo Casero

O primeiro quadrinho acima deriva da entrevista de Liniers com Calamaro; e o segundo, da conversa com Casero. O entrevistador optou por expor a admiração que sente pelos entrevistados e, com a utilização de recursos comuns em HQ's, traduziu isso nas publicações. Para enfatizar a relação com Calamaro, Liniers utiliza gotas de suor no primeiro quadro, uma expressão facial de espanto no segundo – seguida de pontos de exclamação para sinalizar voz alta – e uma onomatopeia no terceiro. No quadro em que descreve o encontro com Casero, a explicação do recordatório seguida de um balão de fala tremido mostram o estado de espírito de Liniers.

#### (b) Autoanálise

Esta característica pode ser derivada da autoconsciência do entrevistador, que faz com que Liniers brinque com suas próprias atitudes durante as entrevistas. Seguem dois exemplos de observações marcadas em amarelo e feitas com base na autoanálise, ambos na entrevista feita com Darín:



Figura 14 - Autoanálise do narrador na entrevista com Ricardo Darín (1)



Figura 15 - Autoanálise do narrador na entrevista com Ricardo Darín (2)

### (c) Metalinguagem sobre o fazer

Uma importante característica das entrevistórias de Liniers é a introdução na narrativa de dilemas sobre o ato de transpor a entrevista para o papel. Ele se pergunta muitas coisas durante as conversas e expõe essas indagações em seus quadrinhos, assumindo a postura de um narrador aperceptivo. Medina (1986) conceitua esse tipo de narrador como aquele que faz referências ao ato de narrar.

Em uma das cinco entrevistas analisadas essa postura fica bastante evidente. No encontro com Calamaro, Liniers logo nota o corte de cabelo do músico e, a partir daí, começa a questionar como poderia fazê-lo reconhecível nos desenhos:



Figura 16 - Metalinguagem na entrevista com Andrés Calamaro (1)



Figura 17 - Metalinguagem na entrevista com Andrés Calamaro (2)

(d) Traço propositalmente apressado

Segundo Dutra (2003), a opção estilística dos desenhistas por esse tipo de traço, menos elaborado, traz uma conotação de anotação pessoal ou escrita íntima – como se o trabalho resultante tivesse saído de um diário. “Um desenho mais elaborado, mais acadêmico, remeteria à idéia de material pronto para ser apresentado aos outros” (DUTRA, 2003, p. 22). Liniers desenha suas entrevistas dessa maneira, o que resulta em outro fator de demarcação da personalidade do entrevistador proporcionado pela linguagem dos quadrinhos. O traçado despojado fica ainda mais claro quando, depois da entrevista desenhada, há uma tirinha que funciona como bônus informativo:



Figura 18 - Bônus da entrevista com Jorge Drexler

(e) Autorrepresentação caricatural

Ao retratar-se como um coelho, já conhecido pelo público de algumas tirinhas *Macanudo*, Liniers reafirma sua individualidade como entrevistador. Dutra (2003) identificou esta mesma característica na obra de Sacco e concluiu que: “Como

consequência, os leitores identificam-se instintivamente com a subjetividade do personagem-repórter-narrador” (DUTRA, 2003, p. 24). Em *Quadrinhos e arte seqüencial*, a definição de Eisner para o termo caricatura traduz os resultados da escolha deste tipo de traçado.

A caricatura é resultado do exagero e da simplificação. O realismo é o apego à maior parte possível dos detalhes. A eliminação de parte dos detalhes faz com que a imagem seja mais facilmente assimilada e acrescenta-lhe humor. Reter os detalhes confere credibilidade porque se aproxima mais daquilo que o leitor efetivamente vê. A caricatura é uma forma de impressionismo” (EISNER, 1999, p. 148).

#### (f) Posicionamento de opiniões

Liniers não resguarda suas opiniões. Pelo contrário, transforma em desenho o que pensou durante as entrevistas. Nos exemplos abaixo, o quadrinista faz, através de recordatórios, uma análise do comportamento do grupo humorístico Les Luthiers e opina sobre os óculos escuros de Calamaro:



Figura 19 - Posicionamento de Liniers na entrevista com Les Luthiers



Figura 20 - Posicionamento de Liniers na entrevista com Andrés Calamaro

Ao final desse percurso de análise, elaborada a partir dos 13 traços observados – detalhamento do processo, recriação de cenas, comportamento aberto, empatia, integração dos elementos nas páginas, recordatórios de contextualização, metáforas



visuais, autoconsciência, autoanálise, metalinguagem, traço apressado, autorrepresentação caricatural e posicionamento de opiniões – pode-se verificar que Liniers traz ao jornalismo uma alternativa para os modelos convencionais de publicar entrevistas, ao evidenciar como a subjetividade e a criatividade do entrevistador podem ser utilizadas para a construção de um trabalho jornalístico atraente e complexo. Mais que isso, as entrevistas desenhadas mostram o exercício jornalístico como capaz de pensar sobre si mesmo.

## REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; NOBRE, Kennedy Cabral; LIMA-NETO, Vicente de. A intergenericidade como recurso humorístico. **Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 9, n. 3, p.180-187, set./dez. 2011.

CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti. A entrevista contada: estratégias, procedimentos e formatos. In: MAROCCO, Beatriz (Org.). **Entrevista: na prática jornalística e na pesquisa**. Porto Alegre: Libretos, 2012.

DUTRA, Antônio Aristides Corrêa. **Jornalismo em quadrinhos: a linguagem jornalística como suporte para reportagem na obra de Joe Sacco e outros autores**. 149 p. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação da ECO/UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1986.

PAIM, Augusto. Por um lugar para Liniers na Academia. **Cadernos de Não-ficção**, [S. l.], v. 4, p.62-69, mar. 2011. Disponível em: <<http://issuu.com/naoeditora/docs/cadernos4>>.

\_\_\_\_\_. **O desenho de um diálogo possível**. Disponível em: <<http://www.riocomicon.com.br/o-desenho-de-um-dialogo-possivel/>>.

QUESADA, Montse. La entrevista: la ciencia. In: FRATTINI, Eric; QUESADA, Montse. **La entrevista: el arte y la ciencia**. Madrid: EUEDEMA, 1994.